



CACHAÇA: CULTURA, ORIGEM, VARIAÇÕES

CACHAÇA: CULTURE, ORIGIN, VARIATION

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra¹
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Investigar uma palavra é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade em diferentes épocas. Nessa perspectiva, examina-se, neste texto, a palavra cachaça – sua origem, seu percurso ao longo do tempo e as diversas denominações populares dadas à bebida. A fim de verificar o registro do termo, utiliza-se o *corpus* do Dicionário Histórico do Português do Brasil e realizam-se consultas a obras lexicográficas, dentre elas dicionários publicados nos séculos XVIII, XIX, XX e glossários. O estudo demonstra, mais uma vez, que, no exame da palavra, analisa-se não somente a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer – perspectiva de análise que favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo.

Palavras-Chave: Cultura. Léxico. Origem. Variação.

Abstract: *To investigate a word is to investigate culture, since the language system – notably the lexical level – stores and accumulates representational cultural acquisitions of a society at different times. In view of this, this paper examines the Brazilian word “cachaça” – its origin, its path over time and the*

¹ candidaseabra@gmail.com

various popular names this distilled alcoholic beverage is given. To check historical records of this term, the Historic dictionary of the Brazilian portuguese (DHPB) corpus and lexicographical works were consulted; among them, dictionaries of the 18th, 19th and 20th centuries, and glossaries. It is demonstrated, once more, that, when a word is examined, not only the language is analyzed, but also the cultural fact that underlies it and reveals itself through it, showing an analytic perspective that favors a better understanding of mankind itself and its way of seeing and representing the world.

Keywords: Culture. Lexicon. Origin. Linguistic. Variation.

Na história das civilizações, a palavra sempre foi mensageira de tradições, valores e culturas que traduzem a visão do homem inserido em seu ambiente natural e social. Ao dar nome aos seres e objetos que o cercam, o homem estrutura seu mundo, constrói sua história e perpetua sua cultura.

Transmitidos de geração a geração como signos operacionais, é através dos nomes que o homem exerce sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de cristalizar conceitos. Assim, investigar uma palavra é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade em diferentes épocas. Desse modo, no exame de uma palavra² ou, ainda, de um campo lexical cuja rede semântica gira em torno dessa palavra, analisa-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Em vista disso, a palavra torna-se testemunha da própria história de um povo, assim como de todas as normas sociais que o regem.

Como ser que vive em sociedade, o homem herdou, de seus antepassados, dentre muitas outras coisas, hábitos, atitudes, costumes, gostos: gosto por festas, por comemorações, por comidas e bebidas – manifestações tradicionais da vida comum que traduzem a alma de um povo. Dentre essas manifestações, no Brasil, herdou-se o gosto pela “cachaça”. Seja qual for a estação do ano, bebe-se. Bebe-se para se refrescar no calor e, no frio, bebe-se para acalorar.

Conhecida, desde o período colonial, pelos brasileiros, apreciada por muitos, essa “água ardente”, produto com graduação alcoólica entre 38º e 54º GL,³ proveniente da cana, é uma bebida obtida com a fermentação da garapa ou melaço da cana de açúcar e, posteriormente, com sua decantação e destilação

² Neste texto, palavra, nome, termo e vocábulo são usados indistintamente, como sinônimos.

³ Ministério da Agricultura, Complementação de Padrões de Identidade e Qualidade para Destilados Alcoólicos, Brasília, Portaria nº 371, de 18 de setembro de 1974.

em alambiques, antes de ser consumida, em salões de festas, em bares e botecos; em ocasiões de alegria e, também, de tristeza. (BRASIL, 1974)

Do grego “ámbix –ikos”, com acréscimo do artigo árabe “al”, o termo “alambique” significa “vaso de cobre, ou de vidro em que destillão hervas, flores e licores”. (SOUSA, 2004) É um equipamento de destilação simples, usado desde tempos remotos, encontrando-se frequentemente relacionado à alquimia e à arte da fabricação da cachaça, quando se busca o “espírito” da bebida. Com relação a esse termo químico, “espírito”, discorre João Manso Ferreira (1798, p. 19) em *Memoria sobre o methodo econômico de transportar a água-ardente do Brazil para Portugal*:

O espirito ardente, ou alcoholheuma substancia, que na sua essenciahe a mesma cousa; quer a extrahamos do Vinho da uva, quer do da cana d'assucar, quer do milho, cevada, arroz, laranjas, jaboticabas, &c. A differença, que sentimos em diversas Aguas ardentes, unicamente he devida ao fleuma mucilaginoso, e oleoso, que a hum mesmo tempo sóbe com o espirito no acto da distillação.

Sobre a palavra “aguardente”, não restam dúvidas quanto à sua origem: no século XV, documenta-se a forma composta “água ardente”; já no XVI, há a aglutinação “aguardente”, persistindo, contudo, em vários textos, a forma composta por justaposição, ainda nos séculos seguintes. Oriunda dos termos latinos “aqua” e “ardens – entis”, essa palavra aplica-se a várias bebidas, dentre essas, à aguardente de cana. (CUNHA, 1982, p. 23)

De origem latina, derivado do grego, o termo “cana” é incorporado à língua portuguesa já no século XIII, para designar o caule de várias plantas da família das gramíneas. No século seguinte, esse termo se expande, compondo com a palavra de origem árabe “as-sukkar”, herdada do sânscrito “çarkara”, o composto que conhecemos: “cana de açúcar”, cujo nome científico, *Saccharum officinarum*, refere-se à planta gramínea, de colmo com os entrenós ocos, de sabor adocicado, que vai dar origem à nossa cachaça.

Proveniente do sudeste asiático, a cana de açúcar é uma das culturas agrícolas mais importantes do mundo tropical – fonte de renda e desenvolvimento –, responsável pelos primeiros núcleos de povoamento na nova colônia portuguesa. Chegou ao litoral do Brasil no século XVI, tendo sido, na época dos engenhos, a base da economia do Nordeste, marcando profundamente os três primeiros séculos da história política, econômica e social do nosso país.

Data de 1587 o primeiro registro do termo “cana de açúcar” em obras que falam sobre o Brasil. Em seu *Tratado descriptivo do Brasil*, Gabriel Soares de Sousa, ao mencionar “as arvores de Hespanha que se dão na Bahia, e como se criam n'ella”, assim descreve a adaptação dessa planta em solo brasileiro:

Parece razão que se ponha em capitulo particular os frutos de Hespanha e de outras partes, que se dão na Bahia de Todos os Santos. E começemos nas **canas de assucar**, cuja planta levaram á capitania dos Ilhéos das ilhas da Madeira e de Cabo Verde; as quaes recebeu esta terra de maneira em si, que as dá maiores e melhores que nas ilhas e parte d'onde vieram á ella, e que em nenhuma outra parte que se saiba que crie canas de assucar; porque na ilha da Madeira, Cabo Verde, S. Thomé, Trudente, Canárias, Valência e na índia não se dão as canas se se não regam os canaveaes como as hortas e se lhes não esterçam as terras, e na Bahia plantam-se pelos altos e pelos baixos, sem se esterçar a terra, nem se regar; e como as canas são de seis mezes, logo acamam e é forçoso cortal-as para plantar em outra parte, porque aqui se não dão tão compridas como lanças; e na terra baixa não se faz assucar da primeira novidade que preste para nada, porque acamam as canas e estão tão viçosas que não coalha o summo d'ellas, se as não misturam com canas velhas, e como são de quinze mezes, logo fiam novidade ás canas de prantas; e as de soca como são de anno logo se cortam. Na ilha da Madeira e nas mais partes aonde se faz assucar cortam as canas de pranta de dois annos por diante e a soca de tresannos, e ainda assim são canas mui curtas, onde a terra não dá mais que duas novidades. E na Bahia ha muitos canaveaes que ha trinta annos que dão canas; e ordinariamente as terras baixas nunca cançam e as altas dão quatro e cinco novidades e mais. (SOUSA, 1938, p. 177-178, grifo nosso)

Menos de 70 anos depois, em meados do século XVII, a palavra “cachaça” se encontra inserida à cultura brasileira, presente na língua escrita, conforme aponta o “registro de uma huma carta que os officiaes da câmara escreveraõ a sua majestade” em 2 de abril de 1651:

Sam tantas as novidades que cada dia sahem dos Administradores da Campanhia Geral em ordem aos Donativos que seus generospagavaõepagaraõ que se Vossa Magestade nos não acudir com seu amparo ficaraõ todos deminutosea Fazenda deVossaMagestade sem ter com que sustente seus prezidios em tempo que as pipas de vinho pagavaõ sete mil reis fizeraõ os Mercantes desta Praça petiçoens ao Governo que lhe mandasse excluir a agoa ardente e **cachaça** que rendia aVossaMagestade por Contracto seis mil cruzados [...]. (REGISTRO..., 1951, p. 31, grifo nosso)

Nesse excerto, podemos observar não só o nome “cachaça” incorporado à cultura brasileira do século XVII como, também, é ressaltado o valor dessa bebida como papel moeda, taxada pela metrópole portuguesa.

Podemos afirmar que a cultura da cachaça no Brasil remonta ao tempo da escravidão, quando os escravos trabalhavam na produção de açúcar

proveniente da cana. O método já era conhecido e consistia em moer a cana, ferver o caldo obtido e, em seguida, deixá-lo esfriar em formas, obtendo a rapadura – produto que tinha como finalidade adoçar alimentos e bebidas. Algumas vezes, esse caldo fermentava, dando origem a um líquido que não servia para adoçar, mas que ao ser ingerido, tornava os escravos mais “entusiasmados” para a lida diária.

Como havia, inúmeras vezes, exagero nessa ingestão, essa bebida que passa a ser conhecida como “cachaça” é ora reprimida, ora incentivada, pelos senhores de engenhos e, também, pela corte portuguesa, temerosa de rebeliões e levantes e, ainda, de não ter o controle da bebida na colônia, conforme podemos inferir deste documento de 1699:

Vi a Carta que Vossas Merces me esCreuerãoaCompanhada | huesCrito que doutor feliciano dourado | esCreueoadoutor João de gois de aRaujo Sobre | Rezulução que Sua magestadeSeSeruiria tomar | da Con digo na ConSulta que oConCelhoultramari | no lheauia feito aSerquadeSiaRendar ovinho | de mel E agoardente da terra prohibindoseathe | aos Senhores deengenhoequeSoSeConcedia poderem | Seus esCrauosuzar da **cachasa** pera Seu Sustento | eSupostooCreditoqueSedeue dar Ahum Com Selhejro | do mesmo Conselho cujo esCrito [res]tetuo Com esta | a Vossas [...]. (VIEIRA, 1949, p. 368, grifo nosso)

Tal preocupação se justifica por ser inegável o efeito que a água ardente da cana de açúcar exercia tanto no homem europeu quanto nos africanos e indígenas, como demonstra o documento abaixo:

É tão feiticeira esta **água ardente**, que se alguém se costumou a ela, ainda que ao princípio mui regolada, e só por medicina pelas manhãs, como muitos fazem por ser muito medicinal bebida em sua conta, pouco a pouco se vai alargando té dar em demasia; e custa [muito] depois a largar. Os índios são tão perdidos por ela, que dão, quando não podem menos, por [cada] frasco a valia de um barril não há droga de mais estimação para eles, do que é o contrato da água ardente; daqui vem o grande negócio, que com eles fazem os brancos com esta bebida, porque com ela tem deles quanto querem; e se os brancos põe de parte as consciências, com ãa frasqueira enchem um barco de outras drogas. Um dos principaes desvelos dos missionários é obviar nas suas missões semelhantes contractos por fazenda de contrabando; porque com as águas ardentes em que os índios não tem paciência de serem regulados, se embebedam, armam bulhas, jogam as facadas, e se matam uns a outros; cujas desgraças sempre socede malguás vezes, porque os brancos, que só atendem a encher os seus potinhos, lha passam occultamente. (DANIEL, 1976, p. 385, grifo nosso)

Inegável, também, podemos constatar, era seu efeito medicinal, reconhecido em terras brasileiras, desde o século XVIII:

No anno de 1719. me chamou Joaõ Gonçalves Ribeyro morador em Itacolomi, freguezia da Villa de N. Senhora do Carmo ,aonde estava com hum feuecravo, trazendo-o para a dita Villa por eu eftarella para lho curar ; o qual achei com humamaõ, e braço muyto inchado, por caufa de huma mordedura de cobra, chamada jararaca, bicho venenofiffimo, a qual o tinha mordido nas coftas de humamaõ, junto á junta do pulfo, e me diffe o dito feufenhor, que havia nove dias, e o tinha fangrado, e curado com panos molhados em agua ardente de caria, ou por outro nome cachaça, que bem **cachaça**he para tudo como moftreirey no decimo tratado , e fica tambem bem demofttrado nas obftrucçoensdo figado; confelho que lhe dera hum curiofo, que eftes tem enterrado a muytos, como a efte. (FERREIRA, 1935, p. 406, grifo nosso)

E, ainda, em outras terras,

É tão especial para os usos da Medicina; que nos remédios, em que deve entrar água ardente, como são as curas externas de feridas etc. em que pode ser, deve preferir [-se água] ardente de cana a todas as outras. Para curar ardores, e inflamações dos olhos é tão especial, que quem a tem, não tem necessidade de mais remédios, e para esta medicina tem na Ásia uã grande estimação, quando lá a podem haver do Brasil. (DANIEL, 1976, p. 385)

Sempre consagrada, mesmo tendo vivido em clandestinidade até ser resgatada nos primórdios do século XX e valorizada como produto genuinamente brasileiro, apreciada por todas as camadas sociais, a cachaça, com suas variações regionais, teve influência na vida artística nacional, com a “cultura do botequim” e a boemia.

Por se tratar, de um produto cuja origem remonta às senzalas nordestinas, sem prestígio social e, conseqüentemente, linguístico, o verbete “cachaça” começa a figurar em dicionários de língua portuguesa somente em fins do século XVIII. Antes disso, esse vocábulo não se encontra registrado; nem mesmo na grande obra do padre Raphael Bluteau, intitulada *Vocabulário portuguez e latino* – constituído de oito volumes impressos sucessivamente em diferentes oficinas e anos de 1712 a 1721. Considerado o primeiro dicionarista a organizar um “*corpus lexical*” para a língua portuguesa, utilizando-se de 406 obras, de autores dos séculos XV a XVII, Bluteau ignora alguns termos, todavia destaca, embora de forma cautelosa, nesses volumes, a sociedade e o pensamento de sua época. Em seus verbetes são constantes as referências à Monarquia e à Igreja o que mostra a importância dessas categorias sociais para a mentalidade de seu tempo. Nesse vocabulário, chama a atenção a opinião e o juízo de valor que esse dicionarista emite, algumas vezes, em suas definições; o que faz com que entendamos o fato dele não incluir diversos brasileirismos, dentre eles, a palavra “cachaça”.

Ainda no século XVIII, em 1789, o lexicógrafo Antônio de Moraes e Silva, de nacionalidade brasileira, utilizando-se, como Bluteau, de um *corpus* lexical dos séculos XV a XVIII, porém mais amplo, apresenta um dicionário bem mais preciso na descrição da língua portuguesa, que procura registrar o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral. Na segunda edição dessa obra, no início do século XIX, em 1813, o verbete “cachaça” é inserido, contendo duas acepções: i) vinho das borras; ii) no Brasil, aguardente do mel, ou borras do melaço; a espuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das canas na caldeira, onde se alimpa, para passar as táchas. (SILVA, 1813, p. 315) A primeira acepção está ligada ao uso da palavra “cachaça” na Península Ibérica, descrita, algumas vezes, como sinônimo da milenar bagaceira, feita das borras da uva – consta que a mais antiga menção do vocábulo em Portugal está na Carta-II, do português Sá de Miranda (1481-1558), em versos para o amigo Antônio Pereira. Já a segunda acepção caracteriza a palavra “cachaça”, pela primeira vez no mundo português, como um empréstimo estrangeiro oriundo do Brasil, isto é, um brasileirismo.

Como brasileirismo, também, esse termo é descrito no *Novo dictionario da lingua portugueza*, de autor desconhecido, publicado em Lisboa em 1806; e, ainda, no *Diccionario da lingua brasileira*, publicado em Ouro Preto, em 1832, por Luiz Maria da Silva Pinto. Em ambas as obras, a cachaça é descrita como “aguardente, que no Brasil fazem de mel, ou das fezes do melaço”.

Na segunda metade do século XIX, o despertar da consciência da peculiaridade do nosso léxico e o “ideal” de uma cultura brasileira levaram alguns estudiosos a organizar e publicar coletâneas vocabulares de caráter regional, tal como o *Diccionario de vocábulos brasileiros*, de Beaurepaire-Rohan (1889), publicado no Rio de Janeiro pela Imprensa Nacional. O repertório dessa obra não é grande, todavia Beaurepaire-Rohan foi bastante cuidadoso em seu trabalho lexicográfico, apontando a etimologia e, pela primeira vez, apresentando ampliação de significado para o termo “cachaça” – definindo-a, em sentido figurado, como “paixão dominante”.

cachaça, *s.f.* aguardente feita como o mel ou borras do melaço, diferente da que fabricam com o caldo da cana, á qual chamam aguardente de cana ou caninha. // *Etim.* Aulete atribui a este vocábulo uma origem exclusivamente brasileira, entretanto que Moraes, citando a autoridade de Sá de Miranda, o dá como português, significando *vinho de borras*. Diz mais Aulete que também lhe chamam *tafiá*, o que não é exato, quanto ao Brasil, onde esse termo, puramente francês, é completamente desconhecido do vulgo. // *Obs.* Na Bahia, e outras províncias do Norte, dão também o nome de *cachaça* á espuma grossa, que, na primeira fervura,

se tira do suco da cana na caldeira, onde se alimpa, para passar às tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal ou cinza (Moraes). Esta espécie de cachaça é distribuída ao gado, e muito concorre para engorda-lo // *Fig. Paixão dominante: A cultura das flores é a minha cachaça.* (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 56)

No início do século XX, intensificaram-se as publicações de estudos e glossários sobre o léxico brasileiro na medida em que foi se formando um pensamento crítico a respeito da língua. Em 1922, em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna, grande evento artístico, liderado por Mário de Andrade, com a participação de vários intelectuais brasileiros, dá-se início à proclamação da independência definitiva da cultura e da língua do Brasil, com relação à matriz portuguesa; entretanto, isso na prática ocorreu bem lentamente.

Em 1926, Néelson de Senna avança um pouco mais no estudo etimológico da palavra “cachaça”, tomando como referência vários autores:

Segundo o dr. Maximino Maciel (“Gramm. Descr. da Língua Portuguesa”, 5ª ed. De 1914, pág. 244) *cachaça* é termo africano introduzido pelos escravos nos Engenhos de canna do Brasil, no que aliás está de acordo J. de Seguíer, quando em seu Dicc. Cit. (1ª parte) refere o nome *kacháçu* como sendo de uma bebida dos negros de Moçambique; e para outros, é um puro brasileirismo em que pese a autoridade do Dicc. Port. do nosso Moraes e Silva, que se apoiou no poeta setecentista Sá de Miranda, para dar ao termo “cachaça” foros de vernaculidade. (SENNA, 1926, p. 279)

Apesar desse avanço, Senna classifica como “grosseiro” esse termo que integra o campo lexical da cultura brasileira, dizendo que “entre o nosso povo é corrente esse nome chulo de ‘cachaça’ dado à aguardente de cana”, opinião essa que traduzia o pensamento da sociedade da época.

Dado o papel do dicionário em relação à norma social, por registrar a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes, além de ser o depositário do acervo lexical da cultura, a palavra, quando registrada nessas obras, em forma de verbete, ganha estatuto, como se recebesse uma certidão de sua existência na sociedade. Consciente desse papel do dicionário na sociedade, na primeira sessão da Academia Brasileira de Letras, em 1898, Machado de Assis já programava a elaboração de um “dicionário de brasileirismos” – projeto que não foi adiante. Tanto o povo quanto os intelectuais ansiavam por ver as nossas palavras registradas. Posteriormente, várias tentativas nessa direção também fracassaram, até que, entre 1933 e 1944, a sociedade brasileira vê surgir o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire. Nessa obra, que não faz menção à etimologia “brasileira”, mas prima

pela riqueza vocabular, com a inclusão de muitas locuções e expressões, neologismos e termos técnicos, o verbete “cachaça” recebe cinco acepções:

Aguardente extraída das borras de melaço e das limpaduras do suco da cana de açúcar. // 2. Espuma grossa, produzida pela primeira fervura do suco da cana de açúcar. // 3. Borra resultante da clarificação do xarope. // 4. Paixão predominante, inclinação, gosto. // 5. Vício, mania, sestro. (FREIRE, 1957, p. 1138)

Além de manter as definições já conhecidas, Laudelino Freire acrescenta, na última acepção, que o vocábulo “cachaça” descreve, também, um comportamento. Esse dicionarista inclui ainda alguns vocábulos derivados desse termo: “cachaceira, cachaceiro, cachacinha”.

Embora procurasse preencher uma lacuna cultural brasileira, esse dicionário atendia não só a consulentes do Brasil, como também de Portugal. Em sua introdução, o autor ressalta: “Feito principalmente para brasileiros, este dicionário não precisa da indicação de brasileirismo para conhecimento da linguagem falada no país. Além disso, não é fácil definir o que seja brasileirismo.”

Mais adiante, em 1975, é oferecido à sociedade brasileira, o dicionário considerado padrão, o grande *Aurélio*. Nessa obra, o termo “cachaça” é rotulado como brasileirismo, descrito em seis acepções:

Cachaça. *S. f. Bras.* 1. Aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel, ou borras do melaço. [...] 2. *Pop. P. ext.* Qualquer bebida alcoólica. [M. us. no pl.] 3. Dose (3) de cachaça. 4. Espuma grossa que, na primeira fervura, se tira do suco da cana na caldeira. 5. *Fig.* Paixão, inclinação, gosto (por pessoa ou coisa): *Tem uma cachaça pela pequena! O cinema é asua cachaça.* 6. *Fig.* Vocação, inclinação. (FERREIRA, 1975, p. 246)

Introduzem-se, pela primeira vez, os ricos sinônimos para a palavra “cachaça”, uma tentativa de descrever sistematicamente esse vocábulo – nessa primeira edição, são apresentadas 146 variações.

Essa proeminência dada por Aurélio às variações em seu dicionário, pode ser atribuída ao resultado da discussão que povoou os debates sobre a identidade do português brasileiro, desde a segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX e ao ideal linguístico e lexicográfico da sua geração. Destacamos que fatos linguísticos ocorridos ao longo da formação da comunidade brasileira e criações vocabulares foram sedimentando o léxico brasileiro e se perpetuando na tradição.

Convém lembrar que o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita; porém, costuma registrar, também, usos dialetais, populares. Por conseguinte, “o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade”; caracteriza-se, portanto, como um importante registro sociocultural. (BIDERMAN, 2002, p. 185)

Podemos observar que, sobre o étimo do termo “cachaça”, os estudiosos têm divergido em seus pontos de vista: alguns falam em “origem controvertida”, outros falam em “brasileirismo”, já outros dão como certa a origem africana do vocábulo. Cunha (1982, p. 133), em seu *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, aponta o vocábulo “cachaça” como de “origem controvertida”, e data-o de 1711, tomando como base o texto de Antonil. Entretanto o vocábulo é anterior a esse período, conforme atestamos ao consultar o banco de dados do projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII, XVIII, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

[...] continuando-se este Donativo tantos annosepagando-oaCompanhia na mesma forma sequer deve excluir dos Azeites que nestas duas Naos vieram com o que se perdem muitos cruzados assim nestes como nos futuros pelo que esperamos deVossaMagestadenolomande pagar (A palavra "pagar" está escrita na entrelinha no original) em falta poremos agoardente e a **cachaça** em pregação que Vossa Magestadenaõ deve permittiralivios a (Pg. 76) Companhia com preços tam subidos para cahirem sobre hum povo tam cansado ecom licença deVossaMagestadeehavemos de defender em quanto Vossa Magestadeonaõ determinar como esperamos. Guarde Deos a Vossa Magestadecomo havemos mister para bem econservação de toda aChristandade dois de Abril demileseis centos cincoentaehu [...]. (REGISTRO..., 1951, p. 32, grifo nosso)

Com o avanço dos estudos sobre os africanismos no Brasil, alguns autores têm reivindicado para a língua africana, a origem do vocábulo “cachaça”, dentre eles Mendonça (1973, p. 121) e Pessoa de Castro (2001, p. 185). Segundo essa etnolinguista o vocábulo “cachaça” é de origem africana, do grupo banto, da língua kikongo, proveniente de Congo e Angola, regiões litorâneas da África.

Como maior representante dos dicionários da língua portuguesa nesse início do século XXI, Houaiss (2001, p. 550) não polemiza sobre a origem o termo, mantendo-o como “de origem controvertida”, ao mesmo tempo em que eleva para nove o número de acepções para o termo “cachaça”:

cachaças. *f.* **1. ant.** espuma grossa que se forma durante a primeira fervura do caldo de cana usado na produção de açúcar, e dele retirada para servir de alimento (ger. na forma de bebida fermentada) ou para obtenção de bebida alcoólica **2. ant.** bebida fermentada feita de borra ('substância') do caldo de cana, ou do cabaú ('calda grossa') e servida aos animais e escravos dos antigos engenhos **3.** aguardente obtida da destilação da borra do caldo de cana, ou do cabaú, ou do caldo de cana extraído esp. para esse fim, após ter passado por processo prévio de fermentação alcoólica; aguardente de cana **3.1.** esse tipo de aguardente, quando produzido sob condições especificadas e controladas quanto à matéria-prima, ao processo de produção (equipamento, fermentação) e ao resultado (teor alcoólico, impurezas etc) **4. p. met.** dose ('porção') de cachaça ('aguardente') **5. p. met. B (reg.)** bebedeira **6. p. ex. B. infm.** qualquer bebida alcoólica, esp. destilada **7. fig. B.** gosto, preferência, inclinação, atração (*os livros são a sua c.*) **7.1. p. ext.** aquilo que se faz com entusiasmo; paixão, mania, vício **8 fig. B** algo ou alguém predileto, que desperta permanente interesse ou paixão, ou que está constantemente ocupando os pensamentos ou ações de alguém (*desde que se aposentou e deixou de sair, os netos são a sua c.*) **9. p. met. B** quem bebe muita cachaça ('aguardente', 'bebida alcoólica'); cachaceiro, bêbado, bebedão.

Houaiss (2001) arrola, ainda, as variações regionais e populares do vocábulo "cachaça" – 428 palavras, oriundas, em sua maioria, da gíria e de criações lexicais brasileiras, ampliando-as, consideravelmente, em relação ao dicionário Aurélio (1975), que conta com 146 palavras. Comparando os dados desses dois dicionários, excluindo os vocábulos neles repetidos, podemos afirmar que a sinonímia da cachaça registrada nessas duas grandes obras de nossa contemporaneidade, que pretendem contemplar todas as nações de língua portuguesas, totaliza 432 nomes; contudo não se esgota aí toda a sinonímia criada e conhecida pelo povo brasileiro. Souto Maior (1980), em sua obra intitulada *Dicionário folclórico da cachaça*, acrescenta outros nomes, que intitula de eufemismos dessa aguardente de cana, não contemplados pelos dicionários citados. Consultamos, também, a lista de "apelidos", transcritos por Sandre (2004, p. 83-87) Somadas as ocorrências nessas quatro obras, excluídas as repetições, contamos com 1.070 variações sinonímicas para a palavra "cachaça", o que nos leva a refletir sobre a riqueza desse signo linguístico, dotado de variações que remetem a um amplo universo cultural, interligado a uma rede de significados; variação que vale a pena conhecer:

A

abençoada, abraçadeira, abranda-sol, abre, abre-bondade, abre-coração, abre-o-apetite, abrideira, abridora, aca, acaba-festa, acalmatosse, acalma-nervo, acende-um-diabo-aí, acerta-o-passo, ácido, ácido-fênico, aço, acorda-cedo, acorda-o-anjo, acorda-o-velho,

acuicui, a-do-ó, adormece-a-virgem, afamada, afiada, africana, água, água-benta, água-bórica, água-branca, água-bruta, aguada, água-de-briga, água-de-cana, água-de-milícia, água-de-setembro, água-doce, água-forte, água-lisa, água-maluca, aguandu, água-pé, água-pra-tudo, água-que-gato-não-bebe, água-que-passarinho-não-bebe, aguardel, aguardente, aguardente-de-cabeça, aguardente-de-cana, aguarrás, águas-de-setembro, agundu, álcool, alertadeira, alerta-espírito, alicate, alívio, alma-de-gato, alpista, alpiste, amansa-corno, amansa-sogra, amargosa, amarelinha, amorosa, anacuíta, anestesia, angico, anjo-da-guarda, aninha, antibiótico, apaga-tristeza, apetitosa, aquarela, a-que-incha, aquela-que-matou-o-guarda, a-que-matou-o-guarda, aquiqui, arapari, ardosa, ardose, ariranha, arranca-bofe, arranja-briga, arrebenta-peito, arrepia-cabelo, arrogante, arruaceira, arrupiada, asiática, aspirina, assanhadeira, assina-ponto, assovio-de-cobra, atebrina, atitude, azarenta, azinhavre, azeite, azougue, azougada, azulada, azuladinha, azulina, azulzinha;

B

bacamartada, badalo, bafo-de-tigre, baga, bagaceira, baldieira, balduína, balsamina, bálsamo, bambidula, baronesa, bate-papo, bataclã, bebida-de-pobre, beca, beijo-de copo, benza-deus, berdoega, bibiana, bicada, bicarbonato-de-soda, bicha, bichinha, bicho, bico, bigorna, bimbada, bimbarrada, birinaite, birinata, biritá, birrada, birusca, bisnaga, bitruca, boa, boa-pra-tudo, bolachinha, bomba-atômica, bombardeio, bom-pra-tudo, boneca, borbulhante, borbulhenta, bordoadá, boresca, botânica, bota-fora, bote-um-negócio, bote-um-negócio, bote-uma, braba, bragantina, branca, brande, branquinha, brasa, braseira, braseiro, brasileira, brasileira, brava, briba, bribada, briga-de-vizinho, briosa, broína, bruta;

C

cabeçada, cabidez, cabo, cabreira, cachorro-de-engenheiro, caduca, caeba, café-branco, cafiascarape, caiana, caianarana, caianinha, caideira, cai-fora, cai-logo, cai-pra-trás, calafrio, calibrina, calorenta, camarada, cambirimba, cambraia, cambraína, cambumba, camulaia, cana, cana-capim, canavieira, cândida, canforada, canguara, canha,

canhão, canicilina, caninha, caninha-verde, canjebrina, canjica, cão, capilé, capote-de-pobre, capucho, cara-feia, carinhosa, caroço, carrasca, carraspana, cascabulho, casca-dura, cascarobil, cascatinha, cascavel, catinguenta, catita, catrau, catrau-campeche, catuaba, catura, catuta, cauim, caúna, caxaramba, caxiri, caxirim, caxixi, caxumba, cebolada, cega-a-gente, cem-virtudes, centenária, cerveja-de-pobre, chá-de-cana, chamada, chamarisco, chambirra, chamegada, champanha-da-terra, chanana, chapéu, chapéu-de-couro, chapuletada, chatô, chavascada, chegadinha, chegada, cheira-moça, chibatada, chica, chica-boia, chimbica, chimbira, chinaipada, chinela, chiquita-bacana, chocalho, chora-menina, choraminga, chora-narampa, chorinho, choro, choro-mole, chorona, chorumela, chove-mas-não-molha, chuaba, chuchu, chumbada, chumbo, chupinha, cidrão, cipinhinha, cipó, cipoada, ciririca, ciumenta, clavinete, clorofórmio, cobertor-de-pobre, cobreia, cobreira, cocana, coça-coça, coco, coisa, colarinho, colírio, concentrada, congonha, congruti, contra, contra-veneno, conversadeira, coquetel, coreana, corioba, coroca, corre-campo, corrompida, corta-bainha, cosme-e-damião, cospe-fino, cospe-grosso, cotreia, crescentão, criminoso, crislotique, cristalina, crioula, crua, cruaca, cruzada, crutovia, cubatela, cumbe, cumbi, cumbeca, cumbica, cumulaia, curandeira, cura-tudo, curicaca, cutelo, cutuvelada;

D

dá-coragem, danada, danadinha, danadona, danguá, dela-pura, delas-frias, delegado-de-laranjeiras, delícia, delírio, demagogia, demente, dengosa, dente-de-alho, depravada, depurativo, desabafa-peito, desatino, desespero, desmanchada, desmanchadeira, desmancha-samba, desperta-paixão, destronca-peito, difusora, dilema, dindinha, distinta, dissolvente, ditadura, divertimento, doida, doidinha, doidona, dona-branca, dormideira, douradinha, dupla;

E

eito, ela, elixir, empurrão, encantada, encontro, encorajadora, encurta-caminho, endiabrada, enfeitada, engenhoca, engasga-gato, engordadeira, engorda-marido, engrossadeira, enrola-chifre, ensina-estrada, entorta-cano, entorta-pé, escaldante, escalda-pé, escorrego,

esfria-sol, espanta-moleque, esperta-ideia, esperta-sono, espertadeira, espinhada, espiridina, espidina, espírito, espirradeira, espírito-santo, esquentá-alma, esquentá-aqui-dentro, esquentá-bofe, esquentá-cabeça, esquentá-corpo, esquentá-dentro, esquentá-garganta, esquentá-galo, esquentá-pobre, esquentá-por-dentro, estriquinina, estropício, estopim, expectorante, expediente, extrato, extrato-hepático;

F

faceira, faceirinha, falante, fala-fino, fala-grosso, fascinante, favorita, faz-xodó, fedegosa, feitiço, feiteira, ferro, ferroadá, fim-de-semana, filha-de-senhor-de-engenho, filha-do-engenho, filha-do-senhor-do-engenho, fio-de-ouro, flexada, fluído, fogo, fogo-fátuo, fogosa, folha-seca, forra-peito, fortificante, forasteira, fragadô, fragosa, freio-a-jato, frictol, friinha, frisante, fruta, fruíta, fruíta, fruíta, fruíta, fumaceira, fumegante, furibunda, furumba, furiposa, fusão, fuzarca, fuzil;

G

galo-duro, garapa, garapa-doida, gás, gasolina, gasosa, gaspa, gavetada, gelatina, gemada, gemedeira, generosa, gengibirra, girassol, girgolina, girita, girumba, glostora, golada, gornope, goró, gorobeba, gorobeira, gorobita, gororoba, gororobinha, gosmético, gostosa, gostosona, gracinha, gramática, granada, granzoza, gravanji, gravatinha, grogue, grole, grozela, guampa, guarupada;

H

hidrolitol, homeopatia;

I

iaiá-me-sacode, igarapé-mirim, imaculada, imbiriba, impureza, incha, incha-a-cara, inchadeira, indigna, infernal, infortúnio, infusão, inhaca, inspiração, insquento, intanha, intrometida, ipecacuanha, ipuçaba, isbelique, isca;

J

jabiraca, já-começa, jamaica, janduína, januária, jararaca, jeitosa, jeriba, jeribita, jeritataca, jiboia, jinjibirra, jocosa, jogo-mole, jovial, juçara, júlia, junca, junça, jura, jurubita, jurupiga, jurupinga;

L

lágrima-de-virge, lágrima-de-virgem, lamparina, lamparinada, lanterna, lanterneta, lapinga, lapinguachada, laprinja, larga-marido, lá-vai-o-diabo, lavancada, lava-pé, laxante, lebreia, lebreia, legume, leite-de-cabrocha, leitosa, lenhada, lero-lero, levanta-a-saia, levanta-o-moral, levanta-velho, levedura, licor, ligeirinha, limpa, limpa-goela, limpa-olho, limpa-trilho, limpa-vista, limpinha, linda, lindinha, linha-branca, lipigute, lisa, lisinha, loirinha, lombada, lombrigueiro, lubrificante, luminosa;

M

maçangana, maçaranduba, macia, maciça, madrugada, mãe-carinhosa, mãe-da-lua, maioral, malafa, malafo, malavo, maldição, maldita, malunga, malvada, mamadeira, mamãe-de-aluana, mamãe-de-aluanda, mamãe de aruana, mamãe-de-aruanda, mamãe-de-luana, mamãe-de-luanda, mamãe-sacode, maná-do-céu, manduraba, mandureba, mangaba, mangabinha, mansinha, marafa, marafo, marcha-a-ré, maria-branca, maria-meu-bem, marciana, maria-bonita, maria-teimosa, maricada, maricota, mariquinhas, marrã, martelada, martelo, marumbis, marvada, marvadinha, mata-bicho, matadeira, mata-calor, mata-gripe, mata-ligeiro, mata-lombriga, mata-negro, mata-paixão, mata-saudade, mata-vergonha, mateus, matinal, matraca, mé, mecha, me-dá-uma, meia-meia, meiota, meizinha, mel, mel-de-furo, melé, meleira, melindrosa, melhorai, melhorilina, mercúrio, mete-chumbo, mete-medo, meu-bem, meu-consolo, meropeia, miana, mijo-de-cão, mimosa, mindorra, minduba, mindubinha, miraculosa, mirim, miscorete, mística, mixunga, moamba, moça-branca, moça-donzela, moça-loura, molha-a-palavra, molha-a-língua, molhadura, monjopina, montuava, moreninha, morrão, morretiana, muamba, mulata, mulatinha, muncadinho, mundureba, mungango, mulatinha;

N

não-sei-quê, néctar, negrita, nó-cego, nociva, nó-de-aço, nordígena, novata, novecentos e catorze, novocaína, noz-vômica, número-um;

O

oca, oito, óleo, óleo-de-cana, omim-fum-fum, opa, ópio, oranganje, orisa, oroganje, orontaje, orontanje, otiotim, otim-fifum, otim-fim-fim, ouro diluído, ouro fino;

P

pá-de-chão, paliativo, panete, papagaio, papoco(ô), papuda, papudinha, parafuso, paraíso, parati, parda, paranaíba, parnaíba, passa-dor, passa-frio, passa-raiva, patrícia, pau-de-urubu, pau-no-burro, pau-selado, pecadora, pechincha, peçonha, pé-de-anjo, pé-de-briga, pé-de-serra, pé-de-tonel, pegadeira, pega-feijão, pega-pega, peitoral, péla-goela, pelecopá, peleja, penacho, penteado, penicilina, penúltima, peojota, perdigueira, perigosa, peroba, perpétua, petiosa, petróleo, pevide, piadeira, pifão, pílcia, piloia, pilora, pindaíba, pindaíva, pindonga, pinga, pingada, pinga-de-cabeça, pinga-fogo, pinga-mansa, pinguinha, pinica-a-poldra, pinicilina, piraçununga, piribita, pirita, pirituba, pisca-pisca, pitanga, pitiúba, pitula, podarcada, poeirada, põe-quebranto, ponche, porco, porongo, pororoa, porreta, praiana, prancha, pra-que-veio, preacada, preciosa, precipício, prego, presepe, pringo-meia, privação-de-sentido, privada, procaina, prognóstico, proletária, proteína, provisória, pura, purgante, purinha, purona, puxa-briga, puxa-faca, puxa-fogo, puxa-saco;

Q

quartota, quebra-costela, quebra-goela, quebra-jejum, quebra-munheca, quebra-osso, queimante, queima-galo, queima-língua, queima-a-priquita, queima-roupa, queixada, quero-mais, querosene, quinaquina, quindim, quizila;

R

rabo-de-galo, rabujenta, raiz, rama, rapapé, rebatida, rebola-o-sedém, receita, reforço, reforçada, refugo, reiada, remédio, renitente, repeteira, ressurreição, restilo, retrós, revezada, reza-forte, rija, ripa, ripada, rodada, roedeira, roxo-forte;

S

saborosa, sacudidela, saideira, sai-do-mato, salabaneo, sal-amargo, salve-ela, sal-de-fruta, salga-galo, samaritana, salobrinha, salsaparrilha-de-bristol, salva-vida, samba, sangue-de-boi, sangue-de-tigre, santa-branca, santamarense, santa-maria, santinha, santo-onofre-de-bodega, sapeca, saúde, saúde-do-homem, sarna, sargento, seca-a-goela, sedutora, seleta, semente-de-arenga, semente-de-arrenga, semovente, sepultura, serve-para-tudo, sete-virtudes, sibirita, sinhaninha, sinhazinha, sipaúba, sipia, sipitiba, siripitina, siúba, só-de-mel, solavanco, solução, solteirona, soneira, sonolenta, sopapo, sorna, sossega-leão, suadeira, suco-de-uva, sumo-de-cana, sumo-de-cana-torta, suor-de-alambique, suor-de-cana-torta, suor-de-crioula, supupara, suruca, sururu, suspiro, suspiradeira, suçuarana, *sputinik*;

T

tacada, tacaranha, tafiá, tagarela, talagada, tanguara, taquim, taridinha, teimosa, teimosinha, tempero, tempestade, tenente, tenebrosa, tentação, terebintina, ticana, tijolo-quente, timbira, tindola, tingui, tiner, tinguaciba, tiguara, tiquara, tiquira, tira-calor, tira-casca, tira-cisma, tira-ciso, tira-frio, tira-juízo, tira-medo, tira-prosa, tira-reima, tira-teima, tira-ressaca, tira-vergonha, tiririca, titara, tiúba, tode, tódi-de-garrafa, tomara-que-caia, tome-juízo, tontura, topatudo, topada, torpedo, tormentosa, traçada, trago, travanquante, treco, tremedeira, três-martelos, três-tombos, tributo, trombada, trombeta, trombone, trombuco, troncada, tronco, trovão, truviana, tubo, turbulenta;

U

uca, uísque-brasileiro, uísque-de-pobre, uma, uma-aí, uma-de-boa, uma-para-subir-a-pressão, uma-quente, unganjo, upa, urina-de-santo, usga;

V

vai-e-não-toma, vai-ou-racha, vaivém, valentona, vela, veneno, venenosa, vertente, vermífugo, veterana, vexadinha, virada, vira-o-pangaio, virge, virgem, virtude, viúva-alegre, vida-longa, voadeira, vomitório, vovó, vucovuco;

X

xaropada, xarope-de-grindélia, xarope-dos-bebos, xarope-galeno, xavielada, ximbica, ximbira, xinabre, xinapre;

Z

zombeteira, zunzun, zuninga.

Constatada a riqueza lexical presente nas variantes sinonímicas do vocábulo “cachaça”, reconhecemos uma rede de significados comuns nessas palavras que traduzem, por um lado, sentimentos, atitudes, origens, culturas, princípios; por outro lado, constatações e verdades, uma sábia descrição, moldada pela sabedoria popular, com motivações diversas, podendo ser ordenadas e sintetizadas de várias maneiras, mas aqui, a título de amostragem, destacamos algumas que têm como motivação:

- ✓ Animais: cão, cascavel, jararaca, jiboia, papagaio;
- ✓ Bebidas: cerveja-de-pobre, champanha-da-terra, licor, uísque-brasileiro;
- ✓ Descrição: água-doce, água-forte, amargosa, amarelinha, apetitosa, azulada, azulzinha, cristalina, delícia, saborosa, distinta;
- ✓ Efeito curativo: acalma-tosse, amansa-corno, amansa-sogra, antibiótico, aspirina, colírio, cura-tudo, desabafa-peito, expectorante, extrato, extrato-hepático, homeopatia, melhorai, melhorilina, penicilina, anestesia, vermífugo, remédio, fortificante;
- ✓ Efeito negativo: acaba-festa, água-de-briga, aquela-que-matou-o-guarda, a-que-matou-o-guarda, arranja-briga, arrebeta-peito, arrebia-cabelo, bomba-atômica, cabeçada, cega-a-gente, criminosa, estrupício, larga-

-
- marido, peçonha, perigosa, puxa-briga, puxa-faca, puxa-fogo, quebra-costela, quebra-goela, quebra-munheca, quebra-osso, tira-juízo;
- ✓ Efeito tranquilizador: acalma-nervo, anestesia, alívio, apaga-tristeza, meu-consolo, sossega-leão;
 - ✓ Incentivo: alertadeira, alerta-espírito, dá-coragem, encorajadora, levanta-o-moral, levanta-velho, luminosa, tira-medo, vida-longa;
 - ✓ Mulher: aninha, chica, juçara, júlia, maria-meu-bem, maria-teimosa, marciانا, maria-bonita, maricota, mariquinhas;
 - ✓ Nações: africana, asiática, brasileira, brasileirinha, coreana;
 - ✓ Paixão: desperta-paixão, destronca-peito, enrola-chifre, mata-paixão, mata-saudade;
 - ✓ Plantas: angico, bálsamo, caiana, cana, catuaba, chuchu, cidrão, coco, girassol, maçaranduba, pitanga, quinaquina;
 - ✓ Pobreza: bebida-de-pobre, capote-de-pobre, cerveja-de-pobre, cobertor-de-pobre, uísque-de-pobre;
 - ✓ Religião e sobrenatural: anjo-da-guarda, benza-deus, espírito-santo, santinha, água-benta, abençoada, lá-vai-o-diabo, reza-forte;
 - ✓ Sentimento: amorosa, arrogante, azarenta, boa, cara-feia, carinhosa, dengosa, abre-bondade, abre-coração, tristeza, boa-pra-tudo, choro, chorona, desespero, fascinante.

Dentre os 1.070 sinônimos encontrados, vale ressaltar ainda aqueles que se integram à nossa fraseologia – expressões populares, cristalizadas na língua. A fraseologia constitui uma das formas de conhecimento da história do pensamento social no correr dos séculos, podendo ser portadoras das vivências de uma ou mais gerações; funcionam, ainda, como instrumentos de conduta aptos para serem aplicados no cotidiano, como já bem dizia Amadeu Amaral (1948, p. 242):

Uma das formas de conhecimento da história do pensamento social no correr dos séculos está presente em um vasto número de expressões, muitas vezes caracterizadas como populares, as quais seriam portadoras das vivências de uma ou mais gerações e que funcionariam como instrumentos de conduta aptos para serem aplicados no cotidiano.

Seguem algumas expressões sinonímicas que remetem ao universo da cachaça: a-do-ó, abranda-sol, abre-o-apetite, acende-um-diabo-aí, acerta-o-passo, acorda-cedo, acorda-o-velho, adormece-a-virgem, água-pra-tudo, água-

que-gato-não-bebe, água-que-passarinho-não-bebe, apaga-tristeza, a-que-incha, aquela-que-matou-o-guarda, a-que-matou-o-guarda, beijo-de-copo, bote-um-negócio, briga-de-vizinho, cachorro-de-engenheiro, cai-para-trás, cega-a-gente, cheira-moça, chora-na-rampa, chove-mas-não-molha, cura-tudo, dela-pura, espanta-moleque, esquenta-aqui-dentro, filha-de-senhor-de-engenho, faz-xodó, iaiá-me-sacode, jogo-mole, lero-lero, mijo-de-cão, molha-a-palavra, não-sei-quê, nó-de-aço, põe-quebranto, pá-de-chão, passa-frio, pra-que-veio, privação-de-sentido, rebola-o-sedém, sai-do-mato, saúde-do-homem, seca-a-goela, serve-para-tudo, suor-de-alambique, suor-de-crioula, tomara-que-caia, uma-para-subir-a-pressão, vai-e-não-toma, vai-ou-racha, vira-o-pangaio, xarope-dos-bebos.

Por ser muito popular e bastante consumida em todo o território brasileiro, a cachaça expõe-se a todo tipo de julgamento, originando, desse modo, variações sinonímicas tão ricas e, ao mesmo tempo, tão diversas – manifestam insatisfações, ironizam, são picantes, traduzem hábitos, indicam crenças e rituais, entidades e fé. Ao criar esses sinônimos, o falante brasileiro não se sente preso a regras, mas ao sentimento que o produto inspira nas ocasiões mais diversas de sua vida. É por isso que o verbete “cachaça” é, hoje, nos dicionários de língua portuguesa, uma das entradas que conta, com certeza, com uma das mais amplas listas de sinônimos, o que prova a vitalidade dessa palavra e tudo que a cerca.

Sendo reconhecido como de origem africana ou não, o certo é que o termo “cachaça” abarca toda uma sinonímia que, despretensiosamente, contempla, em sua maioria, vocábulos de origem portuguesa. Todavia, outros étimos podem ser destacados, como, por exemplo:

- ✓ Origem indígena: *cipó, cumbica, curicaca, maçaranduba*;
- ✓ Origem mapuche, integrado ao espanhol platino: *guampa*;
- ✓ Origem russa: *sputinik*;
- ✓ Origem francesa: *capilé*;
- ✓ Origem espanhola: *sorna*;
- ✓ Origem onomatopaica: *zunzum*;
- ✓ Origem híbrida:
 - português (*birita*) + inglês (*night*) – *birinaite*;
 - português (*mamãe*) + africano (*aruanda*) – *mamãe-de-aruanda*;
 - castelhano (*salsaparrilha*) + inglês (*bristol*) – *salsaparrilha de bristol*;

-
- ✓ Origem obscura: *gravanji, catrau, crislotique, granzoza, pelecopá, pitula*;
 - ✓ Origem africana: *omim-fum-fum, otiotim, otim-fifum, otim-fim-fim*.

Segundo Pessoa de Castro (2001, p. 307, 310), o termo “omim” significa água e o termo “otim” se traduz como cachaça. De acordo com essa pesquisadora, ambos são oriundos da África Ocidental e se vinculam à linguagem religiosa afro-brasileira. Sobre essa sinonímia africana, esclarece Souto Maior (1980, p. 104):

OMIM-FUN-FUN: Cachaça, nos candomblés da Bahia [...].OTIM: Aguardente. Africanismo [...].
OTIM-FIM-FIM: Cachaça, na língua nagô: bebida branca, cachaça [...].
OTIM-FIFUM: Aguardente. Vocábulo de procedência africana [...].

Poderíamos nos estender muito mais nas variantes da palavra “cachaça” e suas origens se nos detivéssemos nas misturas resultantes dessa aguardente de cana como, também, nas variantes das cachaças feitas a partir de outras plantas. Isso proporcionaria um número bem maior de possibilidades no universo linguístico-cultural da palavra que já é extremamente amplo.

Vale lembrar que quanto mais a memória revive os termos que integram essa sinonímia, criadas com paixão pelos simpatizantes da água ardente de cana, tanto mais se expandirá esse universo cultural, pois o estudo das palavras fornece à sociedade dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Desse modo, no exame da palavra, analisa-se não somente a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer – perspectiva de análise que favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo.

Mergulhar no universo linguístico da palavra “cachaça” é, antes de tudo, atrever-se a conhecer a criatividade da sociedade brasileira, tendo a certeza de que muitas outras variações e expressões ainda estão por surgir, consagradas pela cultura popular, forjadas pelo sofrimento e alegria do povo.

REFERÊNCIAS

- ALAMBIQUE DA CACHAÇA. [S.l.], ©2012. <<http://www.alambiquedacachaca.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2012.
- AMARAL, A. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948. p. 242.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, V. de. *Dicionário de Vocábulo Brasileiros*. Belo Horizonte: Garnier, 2007. p. 56. Edição fac-simile, 1889.
- BIDERMAN, M. T. C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2002. p. 185.
- BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A N.; KRIEGER, M. da G. (Org.). *As ciências do léxico: volume II: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). *Banco de Dados do Projeto Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII – DHPB/CNPq*. Araraquara: UNESP: Laboratório de Lexicografia, 2012. (Não publicado).
- BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). *Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: UNESP: Laboratório de Lexicografia, [2015]. 19 v. No prelo.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 2012. In: BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII/ DHPB/CNPq. [A00_2313]. Araraquara: FCL/UNESP/Laboratório de Lexicologia, 2012.
- BRASIL. Legislação Geral da Inspeção vegetal. Portaria n. 371, de 18 de setembro de 1974. Padrão de Identidade e Qualidade do Vinagre. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, set. 1974.
- CASCUDO, L. da C. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1983. 12 v.
- CASTRO, Y. P. de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.
- DANIEL, Pe. J. Parte terceira - dá notícia da sua muita riqueza nas suas minas nos seus muitos, e preciosos haveres, e na muita fertilidade das suas margens - tratado quinto - do principal tesouro do rio amazonas - cap. 1º - da multidão, variedade, e preciosidade dos seus haveres. In: BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). *Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII/ DHPB/CNPq*. [A00 1868]. Araraquara: FCL/UNESP/ Laboratório de Lexicologia, 2012.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, J. M. Memoria sobre o methodo economico de transportar a agua-ardente do Brazil para Portugal. In: BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). *Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII/ DHPB/CNPq*. [A00_2313]. Araraquara: FCL/UNESP/Laboratório de Lexicologia, 2012.

FERREIRA, L. G. Dos formigveyros, e ovtras doenças commuas nestas minas. In: BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). *Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII/ DHPB/CNPq*. [B00_0035]. Salvador: CNPq, 1935. p. 246-406. Banco de Dados do Projeto DHPB/CNPq.

FREIRE, L. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1957. p. 1138.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAIOR, M. M. *Dicionário Folclórico da Cachaça*. 2. ed. Recife: Editora Massangana, 1980.

MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MUSEU DA CACHAÇA. Lagoa do carro, 2001. Disponível em: <<http://www.museudacachaca.com.br/>> Acesso em: 12 abr. 2012.

NOVO dicionario da Lingua Portuqueza. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1816.

PINTO, L. M. da S. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.

REGISTRO de huma carta que os officiaes da ca mara escreveraõ asua ma gestade em 2 de abril de1651, sam tantas as novidades. In: BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). *Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII/ DHPB/CNPq*. [A00_2137]. Araraquara: FCL/UNESP/ Laboratório de Lexicologia, 2012.

SANDRE, S. *Cachaça, patrimônio brasileiro*. 2004. 170 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso) – Centro de Exelência em Turismo, Universidade de Brasilia, Brasília, 2004.

SEABRA, M. C. T. C. de. Arquivos culturais: a importância do mundo da escrita. *Gláuks: Revista de letras e artes*. Viçosa, 1996.

SEABRA, M. C. T. C. de. Linguagem e Cultura. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 32, p. 270-279, 2009.

SENNA, N. de. Dois estudos sobre africanismos ocorrentes na linguagem popular brasileira. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, 1938.

SENNA, N. de. Nótulas sobre a toponymiageographica brasílico-indigena em Minas Geraes. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, 1926. p. 279.

SILVA, A. M. e. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1789.

SILVA, A. M. e. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. p. 315.

SOUSA, F. J. de. *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*. Lisboa: Alcalá, 2004. Edição fac-simile, 1830.

SOUSA, G. S. de. Da agricultura da Bahia: (parte segunda - titulo 4). In: BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). *Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII/ DHPB/CNPq*. [A00_0180]. Araraquara: FCL-UNESP, Laboratório de Lexicologia, 2012.

VIEIRA, J. da S. Cópia da carta que mandou o senhor Alexandre de Sousa Freire a este Senado. In: BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Coord.). Salvador: CNPq, nov. 1949. p. 368. [A00_1473]. Banco de Dados do Projeto DHPB/CNPq.